

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; VEDDA, Miguel (Orgs). *Siegfried Kracauer: un pensador más allá de las fronteras* (Siegfried Kracauer. Um pensador além das fronteiras). Buenos Aires: Gorla, 2010, p. 256.

Artur Sinaque BEZ*

O livro organizado por Carlos Eduardo Jordão Machado e Miguel Vedda é uma reunião de artigos escritos por historiadores, teóricos da literatura e do cinema, filósofos, pensadores da política e das ciências sociais. É a primeira obra sobre Kracauer publicada em língua espanhola. São dezesseis textos, organizados em três partes: Un intelectual extraterritorial, Pensamiento en imágenes. Reflexiones sobre estética, cultura y sociedad e El ensayista como crítico. É traçado um perfil do autor de *Das Ornament der Masse*, um intelectual atento às transformações culturais próprias à modernidade. Sua atenção voltada à arte como fonte para a crítica da cultura é objeto de todos os trabalhos que compõem a coletânea.

O primeiro ensaio é uma contribuição importante para pensarmos um grande problema da contemporaneidade: “En busca de la esfera pública perdida. La sociología de la cultura de los empleados en Siegfried Kracauer”, de Inka Müller-Bach, que juntamente com Ingrid Belke é uma das organizadoras da obra de Kracauer na Alemanha. A autora concentra-se em ensaios de Kracauer do período 1921-1933, como “Los Empleados” (1930) e o ensaio “La fotografía” (1927) – presente na coletânea *Das Ornament der Masse* –, e nos mostra que um dos principais intuítos de Kracauer em sua “sociología de la cultura” é “proporcionar visibilidade à esfera pública”, investigando a mudança pela qual esta é submetida no processo de modernização da Alemanha: “la esfera pública moderna no se clarifica a si misma” (p.21). Müller-Bach ressalta o esforço do autor em descobrir o “país exterior interno” (p.20), concentrando-se no interesse dos empregados acerca de culturas exóticas, principalmente no contato com o cinema. O público se reconhece na dispersão.

Algo que perpassa todos os ensaios: o destaque à “extraterritorialidad” característica do pensamento de Kracauer e que dá tônica ao título dessa coletânea – más allá de las fronteras – sua condição de exilado. Primeiro, no momento de ascensão do III Reich, quando vai para Paris (1933) e, em seguida, quando da invasão nazista na capital francesa, vai para Nova York (1941). No ensaio “Bajo el signo de la extraterritorialidad. Kracauer y la modernidad judia”, Enzo Traverso – um dos responsáveis pela divulgação e organização das obras de Kracauer na França, juntamente com Philippe Despoix e Nia Perivolaroupoulou – reflete sobre os elementos da modernidade judia no começo do século

* Mestrando - Programa de Pós- graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Univ. Estadual Paulista - Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo - Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: arturbez@hotmail.com

XX, explorando a singularidade deste intelectual nômade. Kracauer é tomado enquanto um outsider, um “extranjero interno” (p.35), que “rompe las fronteras de una identidad religiosa o de una pertenencia nacional”, acabando por se apresentar como um “judío no judío” (p.34).

O diálogo com a obra do jovem Lukács está presente na maioria dos artigos. A ideia de “apátrida transcendental” (Teoria do romance) é vista como central para as formulações do pensamento de Kracauer acerca da “extraterritorialidad”, da cultura e sua condição na modernidade. Autores como Walter Benjamin, Ernst Bloch e Theodor Adorno – entre outros – também são relacionados a Kracauer, principalmente pelo contato profissional e a amizade, mas também pelas desavenças pessoais e discordâncias intelectuais.

No ensaio “El trabajo de la memoria en Teoría Del Cine”, de Siegfried Kracauer, Nia Perivolaropoulou dá ênfase ao paralelo Kracauer/Proust para esclarecer-nos acerca das formas de narrar nos filmes. Concentra-se, principalmente, na relação do cinema com a memória, discussão presente em *Theory of film* (1960), penúltima obra de Kracauer. Aproxima o historiador italiano Carlo Ginzburg e sua ideia de extrañamiento ao que denomina “imperativo kracaueriano” de “liberar nuestra percepción y de volver nuevamente sensibles las cosas” (p.61). A autora ainda nos mostra, por meio de discussão levantada por Ginzburg em *Occhiacci di legno. Nove riflessioni sulla distanza* (1998), quando reflete sobre Proust e seu elogio à “ambigüidade da voz narrativa”, uma proximidade aos preceitos de Kracauer sobre o “potencial de extrañamiento do meio cinematográfico” (p.65). Tanto Kracauer quanto Proust propõem “un rechazo hacia el pensamiento abstracto”, valorizando “la subordinación del ‘saber’ a la primacía de las apariencias por sí mismas.” (p.65). Tudo isso visando uma “memória histórica sui generis”, a experiência estética do espectador, que se situa entre o saber histórico, a experiência compartilhada do filme e a experiência vivida de cada um. Philippe Despoix trabalha com *History* e o paralelo entre análise histórica e imagem fotográfica no ensaio “¿Una Historia otra? (Re)leer Historia. Las ultimas cosas antes de las ultimas”. A interessante analogia História/meios corresponde à compreensão de Kracauer com relação ao documento fotográfico e ao arquivo do historiador: ambos têm caráter “fragmentario” e “incompleto” (p.77). Assim, “solo la óptica no humana de la cámara es capaz de volver visible el mundo en toda su ambivalancia” (p.77). Daí também a comparação entre “el exterior del archivo” e o “fuera de campo” fotográfico. A reflexão acerca da História e sua escritura em comparação à imagem e sua reprodutibilidade técnica é marca central em Kracauer e neste ensaio fica mais claro o que isto representa em sua última obra, *History*. A primeira parte do livro termina com o texto de Francisco Alambert, “Del ornamento al espectáculo: Kracauer y la crítica materialista de la cultura”, no qual a obra de Kracauer é entendida como base para análises posteriores acerca da mercantilização das formas da cultura. Com destaque para *Das Ornament der Masse*, o autor aproxima a

crítica da cultura já praticada na década de 1920 à ideia de “cultura ordinária” e autores como Erick Hobsbawn, Fredric Jamenson, Raymond Williams e Guy Debord.

Na segunda parte do livro a literatura tem mais destaque. Miguel Vedda trabalha com alguns ensaios de Kracauer visando demonstrar a presença de elementos de uma nova “teoría de la novela”. Em seu artigo “Siegfried Kracauer como novelista y como teórico de la novela”, Vedda destaca a relação entre a obra de Kracauer – inclusive seu romance *Ginster* – e a Teoria do Romance do jovem Lukács, bem como com a obra de Simmel. Kracauer nota a “muerte de la narración tradicional” do romance (p.107), citando, por exemplo, Dostoievski. O que muda é a “desarticulación de un sujeto soberano” (p.107). A substituição da “novela tradicional” por uma “nova novela” corresponde a uma mudança de foco na forma literária e é exemplificada por Vedda ao citar o protagonista de *Ginster*, que seria “la negación del carácter, tal como habia sido configurado por la literatura burguesa” (p.111). “La crítica de Siegfried Kracauer a la novela reportaje o ‘El caso Brecht’” é a contribuição de Carlos Eduardo J. Machado. Neste ensaio nos detalha a crítica de Kracauer à “novela reportaje”, aproximando-a das de Lukács, publicadas no periódico berlinense, *Die Linkskurve*. Segundo Machado, para ambos os autores a “novela reportaje” era tanto uma “pseudociencia” quanto uma “pseudoarte”, ou seja: “insuficiente conceptualmente y al mismo tiempo incapaz de responder a cuestiones formales desde el punto de vista literário” (p.156). Machado também destaca as diferenças: “Kracauer no es un antivanguardista como Lukács” (p.160). O autor ainda se ocupa de um artigo crítico ao filme *Kuhle Wampe* e sua proibição, escrito por Kracauer em 1932. Aproxima a crítica ao filme (com roteiro de Ottwalt e Bertold Brecht) à crítica a novela reportagem. O artigo gera um mal entendido com Ernst Bloch, demonstrado por Machado com fragmentos de algumas cartas. Por último, concentra-se numa querela com Bertold Brecht. Ainda contribuem nesta parte da obra Gábor Gángó, com “Presencia de Siegfried Kracauer y Walter Benjamin en La peculiaridad de lo estético de György Lukács”; Esteban Vernik, com “Aproximación a la sociología de Siegfried Kracauer” e David Kettler, com “Una ‘primera carta’ de Siegfried Kracauer” - além disso, devemos ressaltar que o elucidativo ensaio de Esteban Vernik, localizado na segunda parte da obra (p.117-133), não consta no sumário desta edição.

Como na contribuição de Nia Perivolaropoulou, também se releva a obra de Kracauer acerca do cinema nos ensaios “Paulo Emílio Salles Gomes y la recepción de Kracauer en Brasil”, de Fausto Douglas Correa Júnior e “El gusto por la realidad. Nota sobre Kracauer, Bazin y Paulo Emílio”, de Adilson Inácio Mendes, ambos jovens historiadores brasileiros. O destaque aqui é a figura de Paulo Emílio Salles Gomes, grande crítico de cinema e figura central no projeto de institucionalização do cinema no Brasil, além de ser o principal idealizador da Cinemateca Brasileira. Nos dois ensaios este intelectual é visto como pioneiro na leitura da obra de Kracauer no país. No primeiro, Correia Júnior usa como

fonte alguns dos vários artigos de Paulo Emílio, publicados no suplemento literário do jornal *O Estado de S. Paulo* (1953-1965), demonstrando o contato com a obra *De Caligari a Hitler*. Já no segundo texto, Mendes estabelece um paralelo entre Paulo Emílio, Kracauer e o crítico de cinema André Bazin. Segundo o autor, na articulação realizada pelo crítico brasileiro “entre análisis de estilo y reflexión histórica puede verse la importancia de la lectura de los críticos francés y alemán.” (p.242).

Os dois artigos citados acima compõem a última parte da coletânea, que conta somente com trabalhos de jovens pesquisadores argentinos e brasileiros – algo incomum. Com a contribuição de Martín Salinas, “Siegfried Kracauer y el realismo latente de Franz Kafka” – mostrando o caráter pioneiro da recepção de Kracauer do escritor tcheco; Augustín D’ambrosio, “Acerca de la tesis kracaueriana sobre la estructura de la temporalidad histórica”; e Fabio Raddi Uchoa, “La escritura de Berlín en Calles em Berlin y en otros lugares”, que destaca Kracauer como etnólogo das metrópoles. Há ainda o instigante artigo, “La forma del discurso de Los Empleados. Desde la información hacia la experiencia”, de Francisco García Chicote, que parte também da obra *Los Empleados* (1930) e valorizando sua forma ensaística, aproximando-a de contemporâneos como Benjamin e Lukács. Propõe que o método utilizado por Kracauer é comparável ao “extrañamiento literário”, ao observar nas “manifestaciones ‘supérfluas’ de la sociedad capitalista” (p.182) a imagem de uma “racionalización” evidenciada na cultura de massa, a questão da coisificação da vida em geral – possibilitando-nos perceber a distância de Kracauer em relação a qualquer empiria inocente.

Apesar de alguns autores destacarem as obras de Siegfried Kracauer a respeito da fotografia, do cinema, passando por ensaios das décadas de 1920-1930 e livros como *Theory of film* ou *From Caligari to Hitler*, não foi possível estabelecer, todavia, uma ponte entre o crítico e o teórico do cinema. A totalidade de seus pequenos artigos sobre cinema foi somente publicada em 2005, em três volumes (Suhrkamp), são 807 textos escritos entre 1921 e 1966, organizados por Inka Mülder-Bach, *Werke 5-3* (Obras). Uma quantidade ciclópica de escritos que segue sendo publicada aos poucos. Há ainda muito trabalho por ser feito, discutindo o aspecto multifacetário da obra de Kracauer – um desafio!

Recebido em 27/10/2010

Aprovado em 23/2/2011